

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NA POESIA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS

Ana Cláudia Rôla Santos*

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar a representação da morte na poesia de Alphonsus de Guimaraens. Trata-se de uma análise do tema sob o ponto de vista biográfico e a partir da estética filosófica que influenciou os escritores simbolistas, sobretudo os estudos de Arthur Schopenhauer.

Palavras-chave: Alphonsus de Guimaraens; Simbolismo; Poesia; Morte; Filosofia

Abstract: This article aims to present the representation of death in the poetry of Alphonsus de Guimaraens. It's an analysis of the theme from a biographical point of view and from the philosophical aesthetics that influenced symbolist writers, especially the studies of Arthur Schopenhauer.

Keywords: Alphonsus de Guimaraens; Symbolism; Poetry; Death; Philosophy

1. Introdução

Em agosto de 2019, por iniciativa do Padre Edvaldo Antônio de Melo, recebi, no Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, em Mariana – MG, os alunos da *Faculdade Dom Luciano Mendes*. Além da visita mediada, que era atividade ofertada pelo Museu, organizamos o tempo para que os alunos fizessem uma apresentação do conteúdo programático que haviam estudado, o amor e a morte em Montaigne e Nietzsche. A ideia era a de trazer o texto filosófico para outro patamar, o artístico, já que os alunos apresentaram sketches sobre o tema, e, a partir daí, promover o debate. *Despretensiosamente*, unidos pelo tema, naquela manhã, à sombra da Mangueira e da Pata de Vaca, no quintal do Museu, falamos de Montaigne, Nietzsche e Alphonsus. Foi uma conversa bem proveitosa.

Depois desse contato inicial, tivemos outros encontros no Museu e na Faculdade de Filosofia. Os temas surgiam a partir das leituras feitas pelo incipiente *Clube de Leitura*

* Ana Cláudia Rôla Santos é Licenciada em Letras, Especialista em História Social da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP e Mestre em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. É coordenadora do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens – DIMUS/SECULT – MG.

Livro no Museu, do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, com apenas cinco, mas eficientes integrantes, e o *Círculo de Leitura A Terceira Margem do Rio* – da Faculdade Dom Luciano. O valor maior desses encontros foi o da liberdade de leitura, trazendo para discussão aquilo que o texto suscitava em cada leitor e, a partir do diálogo, do olhar do outro, construir novos significados.

Neste artigo, apresento o tema por mim colocado em discussão naquele primeiro encontro, a morte na perspectiva do poeta Alphonsus de Guimaraens.

2. Alphonsus e o movimento simbolista

Afonso Henriques da Costa Guimarães, Alphonsus de Guimaraens, nasceu em Ouro Preto – MG, em 1870, e faleceu em Mariana – MG, em 1921. Poeta simbolista, em 1899, publica, em um só volume, *Setenário das Dores de Nossa Senhora e Câmara Ardente, e Dona Mística*, seus primeiros livros de versos¹. O *Setenário e Câmara Ardente*, dedicados, respectivamente, a Jacques D’Avray² e ao Padre José Severiano de Rezende³, não tiveram uma recepção crítica à altura do seu valor literário. O crítico José Veríssimo faz uma apreciação da obra e do novo poeta em seu *Estudos da Literatura Brasileira Segunda Série – 1889*⁴ em que diz o seguinte:

[...] Não creio que a religiosidade mística do Sr. Alphonsus de Guimaraens, mesmo sincera como julgo, possa dar alguma coisa em arte [...] [Os versos de Câmara Ardente] não escapam quanto a perfeição exigia, ao prosaico e ao bordão [...] Não lhe falta porventura engenho e arte, mas, digo-o com sinceridade com que o penso, se não desvencilhar das faixas da escola, se persistir em uma corrente que não leva a nada, será apenas mais um estro perdido para a nossa poesia (MURICY, 1987, p. 95).

¹ Apesar de serem publicados primeiro, *Kiriale*, foi o primeiro a ser escrito (1891-1895), sendo publicado em 1902

² José de Freitas Vale (Jacques D’Avray). Nasceu em Alegrete – RS, em 1870. Advogado, professor de francês no Ginásio Oficial de São Paulo, procurador do Estado, escreveu na língua francesa toda a sua obra poética e dramática.

³ José Severiano de Resende foi um dos grandes amigos de Alphonsus, estudaram juntos em Ouro Preto, no Liceu Mineiro e seguiram para a Faculdade de Direito de São Paulo. Severiano abandonou o curso no segundo ano e retornou para Mariana, onde estudou no Seminário, ordenou-se padre, abandonou o sacerdócio e foi viver em Paris como escritor, tradutor e colunista de jornal, onde faleceu. Alphonsus dedicou o livro *Setenário das Dores de Nossa Senhora* ao Padre José Severiano de Resende.

⁴ O artigo foi intitulado “Um poeta simbolista – O Sr. Alphonsus de Guimaraens”.

Nessa análise, constatamos a afirmação de MURICY (1987) quando define a relação de Veríssimo com o Simbolismo, que é o “mais meditado e bem-dotado dos nossos críticos naturalistas” como sendo marcada pela “insuficiente ambientação de espírito para uma assimilação pronta e atual dos elementos de informação cultural que lhe chegaram” (MURICY, 1987, p. 93). Dessa forma, Alphonsus é um bom poeta, mas está sendo “prejudicado” pela escola que escolheu. Outro crítico da época, Sílvio Romero⁵, faz apenas um comentário sobre Alphonsus, pouco significativo, em que diz: “no Brasil para que ele (o Decadentismo)⁶ caminhe e progrida, será preciso que, deixemos de lado as ladainhas de Bernadino Lopes e de Alphonsus de Guimaraens” (MURICY, 1987, p. 96). O descaso com Alphonsus não partiu só dos historiadores da literatura brasileira, Nestor Vitor⁷, crítico oficial do Simbolismo, que escreveu uma monografia sobre Cruz e Sousa, contribuição importantíssima para a preservação da memória do referido poeta, não dedicou nenhum estudo à obra de Alphonsus.

O Simbolismo, apesar de propor uma revolução na poesia moderna e de apresentar uma estética internacional, não obteve, a princípio, prestígio no Brasil. Alguns dos historiadores da literatura brasileira afirmam que o caráter renovador do movimento ficou comprometido pelo fato de alguns dos novos poetas serem dissidentes do Parnasianismo, que era ainda um poder devidamente constituído e de seus integrantes não conseguirem apresentar um movimento unificado, era formado por representações individuais unidas em pequenos grupos regionais. Andrade Murici, em *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, v. 2, lista os grupos simbolistas no Brasil e seus respectivos componentes. Destacamos alguns desses, constituídos por escritores mineiros:

1 – Grupos dos fundadores de *A Gazeta*: Adolfo Araújo, Alphonsus de Guimaraens, Padre Severiano de Rezende, Augusto Viana do Castelo e Freitas Vale (Jaques D’ Avray);

2 – Grupo *Jardineiros do Ideal*: Lindolfo Azevedo, Antônio do Prado Lopes Pereira, Ismael Franzen de Lima, Josafá Belo, Padre João Pio de Sousa Reis, Aurélio Píres,

⁵ Monografia “A Literatura” in *O Livro do Centenário* (1500-1900). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

⁶ José Veríssimo e Sílvio Romero falam de uma mesma escola, utilizando nomenclaturas diferentes (Simbolismo e Decadentismo) não faremos distinção entre os dois, por nesse trabalho utilizarmos apenas Simbolismo e ainda por concordamos com a proposição de Ana Balakian (1985, p. 68) que afirma que um poeta não deverá ser tomado com simbolista ou decadente, já que “qualquer sugestão de uma dualidade è, na verdade, uma falácia”.

⁷ Segundo Muricy, Nestor Vitor representa a primeira contribuição significativa da crítica feita por um simbolista.

Ernesto Cerqueira, Afonso Pena Junior, Francisco de Assis das Chagas Resende, Salvador Pinto Júnior, Edgar da mata Machado, Artur Lobo;

3 – Grupo *Revista Minas Artística e Horus*: Edgar da Mata Machado, Horácio Guimarães, Eduardo Cerqueira, Archangelus de Vimaraens, Alfredo de Sarandy Raposo, Carlos de Sarandy Raposo, Augusto de Viana do Castelo, Willy Reichardt, A. Baptista Pereira e Álvaro Viana.

Observamos que vários desses grupos eram atrelados a Jornais, e/ou a Revistas especializadas da época, que se tornaram os grandes veículos de divulgação não só da produção literária dos simbolistas, como também dos ideais da nova escola. Alguns desses escritores assumiram o cargo de redatores de jornais, mantendo ou criando uma coluna literária.

A incursão de Alphonsus no jornalismo começou em São Paulo, em 1891, em companhia dos seus colegas padre Severiano de Rezende – desde o Liceu em Ouro Preto – e Adolfo Araújo, da faculdade de Direito de São Paulo, fundador de *A Gazeta*. Nesse mesmo período, conheceu José de Freitas Vale, o Jacques D’Avray, que, posteriormente, em 1904, transformou sua casa na Vila Kyrial, prestigiado salão cultural da cidade de São Paulo, reunindo poetas e artistas em “tertúlias regadas a generosos vinhos de uma adega preciosa”, dentre eles Alberto Ramos e Augusto Viana do Castelo.

Os versos de Alphonsus eram publicados em jornais daquela época e muitos deles aparecem em publicações posteriores, reunidos em livro. Após a temporada em São Paulo, Alphonsus retorna a Ouro Preto, em 1893, para formar-se na Academia ou Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais. Continua mantendo contato com seus amigos de São Paulo e reencontra Severiano de Rezende, que abandonou o Curso de Direito e matriculou-se no Seminário Episcopal de Mariana-MG. Alphonsus termina o curso em Ouro Preto, retorna a São Paulo, em 1894, para finalizar o curso de Ciências Sociais. Antes de assumir alguma comarca do interior, decide fazer uma viagem ao Rio de Janeiro, onde manteve contato com os grupos literários da época e encontrou-se com Cruz e Sousa, que já conhecia o poeta mineiro, através dos versos publicados em jornais de São Paulo e conheceu Mário de Alencar, de quem se torna grande amigo. No Rio, ainda, visitou o amigo Lucindo Filho, redator de *O Vassourense*, jornal em que Alphonsus também publicava os seus versos.

Se por um lado, a produção literária alphoncina não recebeu, por parte da crítica da sua época, o reconhecimento merecido, o que pode ser justificado pelo fato de grande parte de sua obra ter recebido publicação póstuma, entre 1923 e 2001 e pelo isolamento do poeta na “semi-morta cidade colonial”, Mariana – MG; por outro, o poeta foi figura decisiva para difusão e aplicação das ideias do movimento simbolista no Brasil.

Em 27 de abril de 1893, morando em Ouro Preto, Alphonsus escreveu ao amigo Jacques D’Avray uma carta em que como ele próprio afirma “tem-se a idéia perfeita do Simbolismo”. O texto começa com o seguinte verso: *Levo-te pela mão, Alma, por que não pises*, verso pertinente ao tema da carta, assinado por Senhor Alphonsus + o Místico. Em seguida, comenta e recomenda a Enquête sur l’évolution littéraire⁸, do francês Jules Huret, e, especialmente, “um pedacinho de riso roubado”, segundo Alphonsus, da entrevista com Mallarmé.

Os jovens estão mais próximos do ideal poético que os Parnasianos, os quais tratam ainda seus temas à maneira dos velhos retóricos, apresentando diretamente os objetos. Acho que é preciso, ao contrário, exibir somente alusão. A contemplação dos objetos, a imagem se envolvendo nos sonhos suscitados por eles, são o canto: os Parnasianos tomam a coisa por inteiro e a mostram: falta a eles o mistério: eles retiram dos espíritos esta alegria de acreditar que eles criam. Nomear um objeto é suprimir três quartas partes do prazer de adivinhar pouco a pouco: sugerir eis o sonho. É o perfeito uso desse mistério que constitui o símbolo...⁹ (BUENO, 2002, p. 3).

A proposta de Mallarmé seduz o poeta mineiro. A sugestão, o uso de uma linguagem indireta, a possibilidade de o leitor perceber o mistério, mas não desvendá-lo completamente e, principalmente, poder evocar um estado de espírito, como nos fala o próprio Alphonsus: “Evocar um rosto que se viu em sonho, por meio de frases, alusões a sensações de dolorosa melancolia que sentimos [...] poder exprimir a saudade que todos temos de um mundo que nunca vivemos...”.

Essa correspondência mostra-nos que Alphonsus, apesar do isolamento físico, mantinha-se informado, principalmente, a respeito dos postulados, que no caso específico dos decorrentes de Mallarmé, seriam decisivos para a constituição do movimento simbolista. Mostra-nos que havia uma rede de discussão, através das correspondências, o que fortalecia e divulgava as novas idéias. Logo após o verso inicial, Alphonsus o simbolista

⁸ Essa Enquête foi composta por artigos publicados no *Echo de Paris*, de 3 de março a 5 de julho de 1891. O Simbolismo foi apreciado por escritores, psicólogos, filósofos etc, em que destacamos a entrevista com Mallarmé.

⁹ Na carta a entrevista está escrita como o original, em francês.

mineiro diz ao amigo: “*Fiquem descansados, lá lhe levo a Enquête*”, o que nos leva a deduzir que o poeta tinha uma cópia do texto e iria divulgá-la para seus pares, mostrando-se, mais uma vez, engajado e atento às novas propostas. Esse isolamento considerado social e ao mesmo tempo essa aproximação com outros poetas, nos remete à análise de BALAKIAN (1985, p.67) ao afirmar que os poetas simbolistas “aproximaram-se mais um dos outros a fim de permanecerem mais afastados do mundo, ideia essa difundida por Mallarmé¹⁰ quem determinou que a primeira missão do poeta numa época materialista: é “recapturar o sentido misterioso da existência”, pois

[...] numa sociedade que não tem um lugar oficial para o poeta nem lhe dá a distinção que merece, o poeta não precisa se interessar por ela. O poeta tem o direito de se retirar do círculo de ação social, trabalhar em meios solitários ou resguardados, e de vez em quando mandar um poema – como se fosse um cartão de visita- para o mundo a fim de lembra-lhe sua existência (BALAKIAN, 1985, p. 67).

Alphonsus, nessa mesma carta, comentando uma opinião do poeta francês Saint- Paul-Roux-le-Magnifique¹¹ de que “o Simbolismo, sendo uma paródia ao Misticismo da Idade Média, não tem razão de ser em vista do progresso que o mundo tem feito”, informa a sua postura referente à relação do poeta com a sociedade, esclarecendo que esta é uma das motivações que o levou a latinizar o seu prenome, adotando-o como nome literário¹²:

[...] Ora, eu, que acho que o Poeta nada tem a ver com o adiantamento da sociedade e que sendo excepcional pode viver na época que quiser, e ainda mais acho que a Renascença das letras latinas em que estamos é toda místico simbólica, vou assinar de ora em diante que tu vês na primeira página desta, fora a cruz, que é só para o uso dos amigos, e que só dá trabalho para fazer (BUENO, 2002, p. 4).

Esse resgate das letras latinas está presente na sua produção literária. São inúmeros os poemas que apresentam a forma latina das palavras, recurso que tem como intuito aumentar o clima de estranhamento, marca determinante da linguagem simbolista. No caso específico da poesia religiosa, ele a utiliza por ser termo comum aos textos da Igreja Católica da época.

Essa carta representa o alto nível de discussão literária, impulsionada pelo questionamento que abalou a perfeição, a razão e a objetividade da poesia do final do XIX e propôs um novo fazer poético. Apresenta a grande contribuição de Alphonsus de

¹⁰ Essa forma de aproximação seria definida pelo modo simbolista de escrever, a partir do recolhimento para o mundo interior, do pensamento e o estilo críptico de comunicação.

¹¹ Escritor francês (1861-1940)

¹² Alphonsus de Guimaraens é um nome adotado literariamente, mas que foi transmitido aos filhos do poeta.

Guimaraens para a disseminação das novas ideias e para fortalecimento do Simbolismo no Brasil.

Inserido nesse contexto do movimento simbolista brasileiro, a crítica feita à produção poética de Alphonsus foi, por muito tempo, enfática em afirmar a escassez temática da obra alphonsina que percorre os seguintes temas: a religiosidade, o amor e a morte. Análises sustentadas pelo cotejo vida e obra.

3. Alphonsus e a cidade de Mariana

Alphonsus muda-se para Mariana em 11 de fevereiro de 1906, após ser nomeado Juiz Municipal da Comarca de Mariana, vindo de Conceição do Serro (atualmente Conceição do Mato Dentro). Fundada em 1696, Mariana foi a primeira Vila, a primeira Cidade, a primeira Capital e a primeira sede do Bispado de Minas Gerais. Reconhecida pela riqueza mineral, o ouro, recebeu esse o nome em homenagem à princesa Mariana D' Áustria, esposa de Dom João V.

A chegada do poeta (não a de juiz) Alphonsus à cidade, é marcada pela publicação de um soneto¹³ no jornal local¹⁴, de 24 de junho de 1906, que ele dedica ao poeta árcade marianense Cláudio Manoel da Costa:

Às margens destas águas silenciosas,
Quantas vezes berçaste a alma dorida,
Esfolhando por elas, como rosas,
As suaves ilusões da tua vida! [...]

[...] O teu sonho deixaste-o nestas águas...
E hoje, revendo tudo que sonhaste,
Por elas também deixo as minhas mágoas.
(GUIMARAENS, 2001. P. 369)

¹³ Esse soneto, que recebeu o número LXXIV, foi publicado, posteriormente, no livro *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte*, em 1923.

¹⁴ Órgão Oficial do Partido Republicano no Município de Mariana – MG, criado em 1905 pelo Diretório Municipal do PRM, teve como principal colaborador o chefe político Dr. Gomes Freire de Andrade, amigo de Alphonsus de Guimaraens.

Conforme podemos observar no trecho destacado, Alphonsus dialoga com Cláudio Manuel da Costa, assumindo o seu lugar na tradição poética da cidade. A partir desse dia, passa a ser o poeta de Mariana.

A cidade de Mariana, nessa época, não tinha mais a riqueza e a visibilidade do período colonial, mas continuava reconhecida e respeitada como referência cultural, política e religiosa em Minas Gerais. Acima de tudo, tinha uma atmosfera propícia à produção da poesia simbolista. Segundo João Alphonsus¹⁵, filho e biógrafo do poeta, “Não houve acomodação entre o espírito de Alphonsus e o ambiente espiritual da cidade de duzentos anos, mas o encontro perfeito de uma vida humana e de uma vida coletiva de sossego e misticismo” (MURICY, 1987, p. 446). Pelos moradores da cidade, Alphonsus ficou conhecido como o “*Doutor Poeta*”. Dos amigos de fora e estudiosos da literatura recebeu a alcunha de “*O Solitário de Mariana*,” “mas uma solidão como defesa íntima, como riqueza interior”. Inserido na comunidade, fazia versos para amigos e pessoas da sociedade, propagandas para as lojas de secos e molhados, poesias e crônicas para os jornais locais, *O Germinal* e *O Alfinete*, e externos *A Gazeta*, de São Paulo, o *Jornal do Comércio*, de Juiz de Fora, dentre outros. Levava a vida de um homem do interior, com poucos recursos, pagando aluguel e com quinze filhos, ao todo. Em uma correspondência de 09 de abril de 1908, enviada ao amigo Mário de Alencar¹⁶, disse o seguinte: “o clima aqui é excelente. Sou juiz municipal, ganho uma miséria, mas vou vivendo” (BUENO, 2002, p. 8) Se havia problema financeiro, isso não influenciava na criação poética, mas impedia a publicação, como ele mesmo disse em outra carta enviada a Mário de Alencar, datada de 2 de maio de 1913: “Tenho escrito bastante e se não fosse a honesta falta de numerário que me felicita, poderia pelo menos publicar três livros nesse ano”. (BUENO, 2002, p. 15). A atmosfera marianense permeia alguns dos seus poemas e crônicas e, principalmente, sobressai em suas correspondências. Em 1911, escreveu a letra do *Hino do Bicentenário da Cidade de Mariana*¹⁷, estreitando ainda mais os laços com os marianenses. Após sua vinda para Mariana, viaja uma única vez para Belo Horizonte, em

¹⁵ Um dos grandes nomes do Modernismo em Minas Gerais, nasceu em Conceição do Serro (1901) e morreu em Belo Horizonte (1944).

¹⁶ Mário Cochrane de Alencar, Rio (1872-1925).

¹⁷ A letra é de Alphonsus de Guimaraens e a música de Antônio Miguel de Sousa. Marca 200 anos da elevação do Arraial à Vila de Nossa Senhora, datada de 1711. É cantado, ainda hoje, em todas as cerimônias cívicas-culturais da cidade.

1915, para encontrar o amigo José Severiano de Rezende, e algumas poucas vezes vai à sua cidade natal, que ficava a uma hora de trem de Mariana.

Em um manuscrito de um poema inacabado, encontrado após a morte de Alphonsus, por João Alphonsus, filho do poeta, assim é retratada a cidade de Mariana no início da década de 20 do século passado:

Na arquiépiscopal cidade de Mariana,
Onde mais triste é ainda a triste vida humana,
A contemplar eu passo o dia inteiro, absorto,
Tudo que na minh'alma está de há muito morto,
No claro – escuro de um ideal saudade
Que como ampla mortalha em treva escura invade
Os pindáricos sonhos de minh'alma,
Eu vejo tudo com tristeza e calma...

(GUIMARAENS, 2001. p. 576)

Esse tom melancólico, pessimista, elegíaco, observado em muitos outros poemas, é atribuído, de certa forma, à vivência nesse ambiente místico religioso marianense, mas não podemos atrelar a produção do poeta apenas à essa questão geográfica.

4. A representação da morte na poesia alphonsina sob a perspectiva biográfica

Das temáticas apontadas, apresentaremos algumas considerações sobre a presença da morte na obra de Alphonsus. Recorrendo, primeiro, à questão biográfica.

A presença da morte nos versos alphonsinos remete-nos, sem sombra de dúvidas, à Constança Guimarães (1871 – 1888)¹⁸. Filha mais nova do escritor Bernardo Guimarães, tia avô de Alphonsus. Constancinha, como era conhecida, protagonizou uma história de amor com Alphonsus, na perspectiva de um relacionamento amoroso do final do século XIX. Um namoro, admitido como noivado, mas que foi interrompido por uma doença implacável, a tuberculose. Nos versos do poema *S. Bom Jesus do Matozinho*, publicado

¹⁸ Afonso Henriques, neto de Alphonsus, publicou pela editora 7 letras, agora em 2021, *A tulipa azul do sonho* (Constança, a musa inspiradora de Alphonsus de Guimaraens), uma ficção e realidade para narrar a história de amor vivida por Alphonsus e Constança.

em 1904 no *Conceição do Serro*, o poeta descreve o encontro com Constança e os sintomas da doença:

[...] Foi pelo meado de setembro,
No jubileu, que eu a vim amá-la.
Ainda com lágrimas relembro
Aqueles olhos cor de opala...

Era tarde. O sol no poente
Baixava lento. A noite vinha.
Ela tossia, estava doente...
Meu Deus, que olhar o que ela tinha!

Ela tossia. Pelos ninhos
Cantava a noite, toda luar.
S. Bom Jesus de Matozinhos
Olhava-a como a que chorar...
(GUIMARAENS, 2001, p. 147)

Para exemplificarmos a relação morte e biografia, escolhemos alguns poemas da obra *Dona Mística*, escrita entre 1892 e 1894, publicada em 1889, que é um canto à Constança. Nos poemas que compõem esse livro, o eu poético é tomado por sentimentos múltiplos, dor, tristeza, desalento, ou mesmo, a revolta, decorrentes da perda precoce da noiva. Observamos o conflito entre os benefícios e os malefícios do amor, a vivência e a perda. Por um lado, há as lembranças de Constança associadas à bondade, à pureza, à Virgem Maria, por outro, a da perda da amada associada à dor, ao sofrimento.

No *Prólogo*, surge a imagem de um cavaleiro, desamparado pelo amor, que lhe foi arrebatado por algo que o supera, a morte:

[...] É um cavalheiro de outras idades
Que a pesar seu chora, sofre, existe,
E tem amores, e tem saudades.[...]
(GUIMARAENS, 2001, p. 161)

À medida que vamos avançando a leitura dos poemas, aparece a imagem da noiva, ou especificamente da morte da noiva, e, conseqüentemente, da morte dos sonhos de amor do eu lírico:

[...] Vozes de além, pungentes de mistério
Cantam: e os sinos dobram nas ermidas,
Acompanhando o canto funéreo...

(Branças visões remotas, enfadonho)
Enterro infindo de ilusões queridas
Na solidão suprema do meu Sonho!
(GUIMARAENS, 2001, p. 162)

Como cavaleiro medieval deve fidelidade à sua amada, mas não mais uma fidelidade terrena. A mulher é idealizada em outro patamar, o espiritual. Surge, portanto, uma nova forma de conviver com essa perda, a crença de que o amor transcendeu a morte. A noiva agora não é vista no plano terreno, aparece intocável, divina, Celeste;

Celeste... É assim, divina que te chamas
Belo nome tu tens, Dona Celeste...
Que outro terias entre humanas damas,
Tu que embora na terra do céu vieste?

Celeste...E como tu és do céu não amas:
Forma imortal que o espírito reveste
De luz, não temes sol, não temes chamas,
Porque és sol, porque és luar, sendo celeste.
(GUIMARAENS, 2001, p. 163)

Em outros momentos, o eu lírico deseja encontrar a noiva, mas, ao contrário dos versos acima, não é ela que vem visita-lo em sonho, o desejo, a súplica, é que a morte o leve até ela, para juntos viverem no reino de Deus.

Jesus, eu sei que ela morreu. Viceja,
Cheia das rosas pálidas de outono,
A sua cova ao pé de alguma igreja:
Quero dormir o mesmo eterno sono.

Nada por mim, tudo por ela seja!
Senhor Jesus, meu Santo e meu Patrono,
Dá que em breve a minha Alma humilde a veja,
Junto de ti, na glória do teu Trono. [...]
(GUIMARAENS, 2001, p. 170)

No trecho de acima, percebemos uma semelhança entre Constança e a Beatriz, de Dante Alighieri. Na *Divina Comédia*¹⁹, o protagonista, Dante, faz uma viagem cujo itinerário passa pelo inferno, purgatório e paraíso. Ao alcançar o paraíso, quem é a sua guia, acompanhante, é Beatriz, musa inspiradora e paixão platônica da adolescência do protagonista. São raros os versos em que há referência direta a Dante, um dos mais explícitos está no livro *Câmara Ardente* (1899):

Na áurea correspondência estelar das esferas
a tua alma nupcial há de passar triunfante.
O teu olhar reflete, entre vagas quimeras
o Inferno, o Purgatório e o Paraíso de Dante.
(GUIMARAENS, 2001, p. 206)

¹⁹ Poema épico escrito no século XIV, pelo italiano Dante Alighieri.

Nesses versos de *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte* (1923), o poeta faz uma espécie de aclamação às musas, colocando Beatriz em um patamar superior as outras:

Ó Catarina de Ataíde, errante
Sombra aromal! Ó Laura de Petrarca,
E ó (mais que estas) ideal Beatriz de Dante.
(GUIMARAENS, 2001, p. 335)

Em um outro soneto do mesmo livro, continua a aclamação, colocando Constança como a mais amada de todas:

Quiseras ser a Laura de Petrarca [...]
[...] Beatriz que Dante, o sempiterno, marca
Com o gênio, e do céu faz o mor tesoiro...
Natércia que Camões, vencendo a Parca,
Imortaliza pelo Tejo e Doiro...

Quiseras ser qualquer das três, ou ainda
Essa que tem pra nós memória infinda,
Bucólica Marília de Dirceu...

Mas se eles eram tudo e eu não sou nada,
Nenhuma foi, como tu foste, amada
Nenhum deles na terra amou como eu.
(GUIMARAENS, 2001, p. 336)

Como Beatriz, Constança é um ideal de beleza indescritível, indizível, uma esperança de salvação. É esse amor/devoção que faz com que o poeta Alphonsus siga sua caminhada:

Hei de sempre adorá-la, hei de querê-la,
E não por ser mulher, mas como imagem:
Sempre a seus pés, sem me cansar de vê-la,
Como quem segue atrás de uma miragem.
Seja tudo por ela. É santa. Fê-la
De astros e luz Deus Pai: serei um pajem
Que a segurar a cauda de uma estrela
Caminha superior `a vilanagem [...]

[...] E seguirei, sombrio de saudade,
Levando os sonhos idos como enfermos
Que vão para o hospital da caridade.
(GUIMARAENS, 2001, p. 165-166)

Além da questão biográfica, observamos a presença da morte sob outra perspectiva, a das ideais filosóficas difundidas no final do século XIX, que o que apresentaremos a seguir.

5. A presença da morte na poesia alphonsina sob a perspectiva filosófica

Analisando a presença da morte na poesia alphonsina no contexto do movimento simbolista, chegamos à relação entre literatura e filosofia. A literatura, como manifestação artística, sempre esteve presente nas discussões filosóficas, principalmente como objeto de estudo da Estética. Além disso, a literatura cumpre um papel de recepção das ideias filosóficas, transpondo-as para o mundo ficcional ou melhor, colocando-as em devir, discutindo-as. Assim como a filosofia, a literatura é uma atividade humana, ambas participam da vida e vida participa delas, portanto é natural que as ideias difundidas em um desses campos do conhecimento transitem livremente pelo outro. No caso específico da poesia simbolista, lugar que a produção poética de Alphonsus habita, o pensamento filosófico perceptível é o do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788 – 1860).

A obra de referência para nossa análise é *O Mundo como Vontade e Representação*, publicada em 1819, mas que só teve real apreciação na Alemanha por volta de 1850, dez anos antes da morte de Schopenhauer, e na França, só em 1880, sendo que a primeira tradução para o francês é de 1886. Os franceses, como visto, não tiveram, à princípio, acesso à totalidade do pensamento do filósofo alemão, mas entenderam claramente os argumentos sobre os quais se sustentavam a sua tese pessimista.

Para Schopenhauer a infelicidade supera a felicidade, que é um prazer negativo, pois é uma sensação temporária do sofrimento. A infelicidade é inerente à vida, é uma força presente em todos os seres vivos, à essa força ele dá o nome de *Vontade de Viver* ou simplesmente *Vontade*. O sujeito é, portanto, movido por essa *Vontade* que faz com que a vida seja uma busca constante de objetos de prazer passageiros que até serem alcançados geram sofrimentos. Mesmo ao alcançá-los não há uma satisfação plena, dessa forma, o homem, movido por um querer infinito, é impulsionado a buscar outros objetos de prazer sucessivamente. Todo viver é sofrer. Essa ideia está presente em vários poemas de Alphonsus, dos quais destacamos os seguintes trechos:

Tanta agonia, dores sem causa,
E o olhar num céu invisível posto...
Prantos que tombam sem uma pausa,
Risos que não chegam mais ao rosto [...]
(GUIMARAENS, 2001, p. 125)

Ah! Tantas ilusões, para as perdemos,
E os sonhos onde iremos enterrá-los!
E sempre o luar na solidão sem termos,
E estes corpos a encher covas e valos [...]
(GUIMARAENS, 2001, p. 165-166)

[...] Da minha mocidade os sonhos mortos
(Da minha morta mocidade) vinham
Ante mim como naus buscando portos,
E bem longe se detinham.
Por que, depois de tantas esperanças,
Esse caos de infortúnio?
(GUIMARAENS, 2001, p. 276)

Para que o homem encontre a felicidade plena, segundo Schopenhauer, deve liberar-se o mais cedo possível dessa *Vontade de Viver*. Um dos caminhos é o de eliminar os desejos, projetando-os no mundo, adotando uma atitude puramente intelectual e desinteressada sobre ele, substituir a *Vontade* pela *Representação*, a arte. A felicidade permitida seria, portanto, a contemplação estética, o pensamento filosófico de Schopenhauer coloca a arte como salvação, restrita a uma minoria de intelectuais com sensibilidade estética. Já o outro caminho, democrático, acessível a todos, é o da morte, propriamente dita.

Como a nossa proposta é a de analisar a representação da morte na poesia alphoncina, vamos nos ater a essa questão. Essa ideia da morte como fim do sofrimento permeia toda a obra poética de Alphonsus, em muitos poemas há imagens de uma espécie de morto vivo, a deriva, sem destino, sem esperança, que anseia pela morte que não chega:

[...] O naufrágio, meu Deus! Sou um navio sem mastros.
Como custa a minha alma a transformar-se em astros,
Como esse corpo custa a desfazer-se em pó.
(GUIMARAENS, 2001, p. 138)

Em outros espera ser confortado, acalentado pela morte:

[...] Santo alívio de paz, consolo pio,
Fonte clara no meio do deserto,
Manto que cobrem aqueles que têm frio!

Eis-me esperando o derradeiro trono:
Que a morte vem de manso, em dia incerto,
E fecha os olhos dos que têm mais sono...
(GUIMARAENS, 2001, p. 152)

O sofrimento terreno e a espera ansiosa do alívio trazido morte fundem-se nesses versos:

Sempre esperar aquela que não chega,
Que já veio talvez sem que eu a visse...
No pastoril silêncio de uma veiga
Fruir os sonhos que ninguém fruísse...

[...] Ah! tudo é sonho, tudo passa e morre,
E alma que sofre, para a morte corre
Como o rio seguindo para o mar...

Fecham-se os olhos, pois que a morte é santa!
Se a vida é sonho à flor de mágoa tanta,
Melhor é não viver e não sonhar...
(GUIMARAENS, 2001, p. 365)

Como visto, a temática da morte, por questões biográficas ou por questões estéticas, é muito forte na produção poética de Alphonsus. Ciente desse seu destino, o de morrer ou o de estar fadado a cantar a morte, no soneto XLI, do livro intitulado, emblematicamente, *Pulvis*, pó, o poeta reafirma o seu modo de ver a vida, de ver a morte. *Cantar a morte* é também, do ponto de vista estético, expurgar, lidar com essa presença, que, sob a perspectiva biográfica é a causa do sofrimento, e, influenciado pelo pensamento filosófico do final do século XIX, é também alívio das dores terrena.

Cantem outros a clara cor virente
Do bosque em flor e a luz o dia eterno...
Envolto nos clarões fulvos do oriente,
Cantem a primavera: eu canto o inverno.

Para muitos o imoto céu clemente
É um manto de carinho suave e terno:
Cantam a vida, e nenhum deles sente
Que decantando vai o próprio inferno.

Cantam essa mansão, onde entre prantos
Cada um espera o sepulcral punhado
De úmido pó que há de abafar-lhe os cantos...

Cada um de nós é a bússola sem norte.
Sempre o presente pior do que o passado,
Cantem outros a vida: eu canto a morte...
(GUIMARAENS, 2001, p. 437)

6. Referências

BALAKIAN, Anna. Mallarmé e o Cénacle Simbolista. In: *O Simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

BUENO, Alexei. *Correspondência de Alphonsus de Guimaraens*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Itinerários*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

_____. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ Departamento Nacional do Livro, 1996.

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: 2001.

MOISES, Massaud. *O Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1966.

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista no Brasil*. Rio de Janeiro: INL, 1972. V. 1 e 2.

PEIXOTO, Sérgio Alves. As sugestivas e excêntricas novidades da decadência. In: *A consciência criadora na poesia brasileira: do Barroco ao Simbolismo*. São Paulo: Annablume, 1999.

PIERROT, Jean. O horizonte espiritual. In: *A imaginação decadente (1880 – 1900)*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

RICIERI, Francine Fernandes Weiss. *Imagens do poético em Alphonsus de Guimaraens*. São Paulo: Unifesp, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e Representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.